

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

A CRIANÇA, A ARTE E A
LINGUAGEM PLÁSTICA E VISUAL



**PREFEITURA
CONTAGEM**

Uma cidade cada dia melhor.

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE CONTAGEM

EXPERIÊNCIAS, SABERES E CONHECIMENTOS

VOLUME 5: A CRIANÇA, A ARTE E A LINGUAGEM PLÁSTICA E VISUAL

2012



Uma cidade cada dia melhor.



FICHA TÉCNICA

PREFEITA MUNICIPAL
Marília Aparecida Campos

VICE – PREFEITO
Agostinho da Silveira

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Lindomar Diamantino Segundo

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Dimas Monteiro da Rocha

COORDENADORA DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Maria Elisa de Assis Campos

REVISÃO
Luciani Dalmaschio

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fernanda Cristina Mariano Diniz
Mário Fabiano da Silva Moreira

AUTORAS DO DOCUMENTO

CONSULTORIA PEDAGÓGICA
Fátima Regina Teixeira de Salles Dias
Vitória Líbia Barreto de Faria

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Lucimara Alves da Silva
Rosalba Rita Lima
Valma Alves da Silva

ASSESSORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOS NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Cibelle de Souza Braga – NRE Industrial/Riacho
Darci Aparecida Dias Motta – NRE Sede
Érica Fabiana Beltrão Pereira – NRE Vargem das Flores
Liliane Melgaço Ornelas – NRE Eldorado
Maria Elizete Campos – NRE Petrolândia
Micheli Virgínia de Andrade Feital – NRE Eldorado
Sandro Coelho Costa – NRE Industrial/Riacho
Sílvia Fernanda Mutz da Silva – NRE Ressaca/Nacional
Sônia Maria da Conceição Félix – NRE Sede

COLABORAÇÃO
Ghisene Santos Alecrim Gonçalves – NRE Ressaca
Pauline Gonçalves Cardoso Duarte – NRE Nacional

GRUPO DE TRABALHO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO CADERNO A CRIANÇA, A ARTE E A LINGUAGEM PLÁSTICA E VISUAL

Cássia Simone da Silva Reis - Anexo Mariângela Bonfim Frederico
Darci Aparecida Dias Motta - CEMEI Novo Eldorado
Ir. Mara Claudete Patan - CEI Madre Tarcísia
Márcia Lopes Pereira Arantes – CEMEI Mira Pereira
Maria Aparecida Rodrigues Schffer – CEMEI Dona Alice Ferreira Franca
Maria das Graças Dias da Costa - CEI Ernestina Soares
Micheli Virgínia de Andrade Feital – Coordenação do Grupo
Sandra dos Santos Prates - Obra Social Dom Bosco
Valma Alves da Silva - CEMEI Jardim Eldorado

CO-AUTORAS
Profissionais da Educação Infantil da Rede Municipal e da Rede Conveniada de Contagem

Contagem. Minas Gerais. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A criança, a arte e a linguagem plástica e visual/Prefeitura Municipal de Contagem. - Contagem: Prefeitura Municipal de Contagem, 2012.

ISBN Coleção: 978-85-60074-08-2

ISBN Volume: 978-85-60074-13-6

64 p.: il. - (Currículo da Educação Infantil de Contagem, 5).

1- Educação Infantil. 2- Currículo. 3- Campos de experiências. 4- Arte. 5- Linguagem plástica. 6- Linguagem visual. I- Título. II- Série.

CDD: 372.21

APRESENTAÇÃO

A publicação da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** vem coroar o trabalho de reflexão sobre o currículo a ser desenvolvido com as crianças dessa etapa da Educação Básica, realizada pelas profissionais que atuam nas instituições de Educação Infantil públicas e conveniadas de Contagem.

A Coleção, construída a partir das dúvidas e inquietações das profissionais, tem como objetivo orientar o processo de elaboração da proposta curricular de cada instituição, fomentando a discussão sobre a prática educativa. Essa atitude democrática de construção coletiva é uma das marcas da política municipal que estamos gestando na cidade e que visa à garantia do direito da criança a uma Educação Infantil de qualidade.

A proposição de um currículo para a Educação Infantil, consubstanciada na Coleção que ora apresentamos, pretende ser um material aberto, flexível, coerente com as concepções de criança, de infâncias, de Educação Infantil, de aprendizagem e desenvolvimento que a política municipal de educação defende, além de provocar a articulação entre teoria e prática, explicitando os objetivos, os saberes e conhecimentos que possibilitaremos que as crianças vivenciem nas nossas instituições.

A Coleção, ao provocar a reflexão e ao desconstruir propostas prescritivas que meramente apontam conteúdos a serem desenvolvidos, busca uma relação interativa com a profissional que atua na Educação Infantil. Nosso objetivo é possibilitar às crianças contagenses experiências que as toquem, as transformem e as considerem cidadãs. Experiências que serão plurais, variadas, diversas, assim como o são as propostas pedagógicas que desenvolvemos na cidade, que têm como eixo comum a formação humana dessa criança, considerando sua especificidade e as concepções que acreditamos.

Esperamos que a leitura dos cadernos da coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** estabeleça um diálogo fértil sobre a Educação Infantil em nossa cidade. Um diálogo que garanta tempos e espaços para a vivência de uma infância cidadã, na qual a criança possa se apropriar do mundo e da cultura, tornando-se cada vez mais humana.



Lindomar Diamantino Segundo
Secretário de Educação e Cultura



Marília Campos
Prefeita de Contagem

INTRODUÇÃO

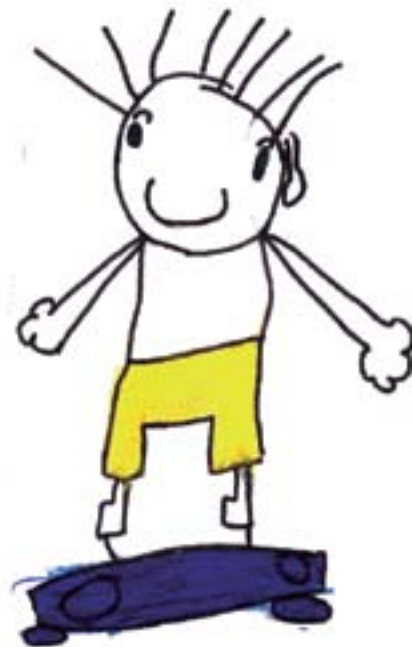
A Coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** tem como objetivo orientar o processo de construção da proposta curricular de cada instituição de Educação Infantil de Contagem. Trabalhamos nessa Coleção com o seguinte conceito de currículo:

Conjunto de experiências culturais relacionadas aos saberes e conhecimentos, vividas por adultos e crianças numa instituição de Educação Infantil – IEI –, na perspectiva da formação humana. As experiências vividas nessa caminhada são selecionadas e organizadas intencionalmente pelas profissionais da IEI, embora estejam sempre abertas ao imprevisível. O currículo é um dos elementos do PPP, devendo se articular com os demais elementos desse projeto e ser norteado por suas concepções. Nesse sentido, a seleção das experiências é determinada pelas necessidades e interesses das crianças com as quais a IEI trabalha, considerando as especificidades do seu desenvolvimento e do contexto onde vivem, a diversidade que as caracteriza, bem como pelas exigências do mundo contemporâneo.

Esse conceito procura consolidar uma concepção que leve em conta o contexto em que a Instituição de Educação Infantil está inserida e que coloque a criança na centralidade do processo pedagógico. Nessa perspectiva, a criança é sujeito de sua ação e reflexão, possibilitando, a partir da interação com outras crianças e com adultos e das experiências que vivencia nas relações sociais e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento, sua formação humana.

A Coleção está organizada em onze cadernos, a saber:

- **Discutindo o Currículo da Educação Infantil de Contagem;**
- **A Criança e a Linguagem Oral;**
- **A Criança e a Linguagem Escrita;**
- **A Criança, o Brincar e as Brincadeiras;**
- **A Criança e o Mundo Social;**
- **A Criança, o Cuidado e as Relações;**
- **A Criança, o Corpo e Linguagem Corporal;**
- **A Criança, a Música e a Linguagem Musical;**
- **A Criança, a Arte e a Linguagem Plástica e Visual;**
- **A Criança e o Mundo Natural;**
- **A Criança e a Matemática.**



O caderno **Discutindo o Currículo da Educação Infantil de Contagem** apresenta e detalha o conceito de currículo adotado pelo município e as concepções que norteiam o trabalho na Educação Infantil. Apresenta, ainda, o histórico do processo de construção da Coleção e destaca a necessária relação que cada instituição deve estabelecer entre seu currículo e seu Projeto Político-pedagógico.

Os outros dez cadernos, cada um identificado por uma cor específica, apresentam os campos de experiências a serem trabalhados com as crianças. Em cada um deles busca-se fundamentar a discussão sobre o campo de experiência, elencar objetivos, saberes, conhecimentos e experiências e apontar possibilidades de trabalho.

As fotos utilizadas na Coleção retratam propostas de trabalho desenvolvidas nas Instituições de Educação Infantil da cidade. Já os desenhos, foram produzidos pelas crianças especialmente para essa Coleção; uma forma alegre e colorida delas dizerem para nós, profissionais, como veem o que tem sido desenvolvido nas instituições. Esses desenhos constituem um texto a ser lido e permitem a produção de outros sentidos para a nossa prática pedagógica.

Outro ponto que gostaríamos de salientar na Coleção foi a opção por tratar no feminino as profissionais que atuam na Educação Infantil. Poderíamos ter optado pela forma masculina/feminina, mas preferimos dar destaque às mulheres, que são maioria na atuação nas IEI. Com isso, não estamos dizendo que esse é um campo fechado aos homens, mas apenas valorizando e destacando a força e a presença feminina na Educação Infantil de Contagem.

Esperamos que a Coleção **Currículo da Educação Infantil de Contagem: experiências, saberes e conhecimentos** possa enriquecer as práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas nas instituições. Nesse sentido, convocamos as educadoras, nossas interlocutoras privilegiadas, para discutir a efetivação de uma educação de qualidade a partir de um trabalho com as crianças que esteja pautado no respeito mútuo, na construção de saberes e conhecimentos e na formação integral; um trabalho que incite novas aprendizagens e que seja estimulador para todos e todas.

Equipe da Educação Infantil





2012

A CRIANÇA, A ARTE E A LINGUAGEM PLÁSTICA E VISUAL

Desenhar, brincar, poetar. Manchar, riscar, construir, se encantar. Transformar um fragmento de vidro em uma jóia rara, rabiscos em dragão alado, pensamentos em formas. Buscar o dizível no invisível. Modos singulares de ver, expressar e (re) inventar o mundo. A criança, depois de desenhar uma série de formas e riscos (des) ordenados, diz: Eu, mamãe, a barraca e o gato. Faz de conta! Picasso reúne um guidão e o selim de uma bicicleta: Cabeça de touro. Assemblage, ressignificações de objetos. Arte!

Susana Cunha

DELIMITAÇÃO

Este campo de experiência, na Educação Infantil, diz respeito à Arte tratada em sua dupla dimensão: como linguagem e como conhecimento. Enquanto linguagem tem como eixos a apreciação e o fazer artístico, possibilitando o compartilhamento de significados por meio de diferentes modalidades, tais como a linguagem plástica e a visual, em suas diversas formas: desenho, pintura, fotografia, modelagem, escultura, gravura, arquitetura, bordado, articulando-se também com a dança e o teatro. Enquanto campo de conhecimento, envolve tanto o conhecimento sobre a História da Arte, quanto o conhecimento e a utilização de diversos elementos, suportes, materiais, instrumentos, técnicas e procedimentos. Essas duas dimensões estão intrinsecamente articuladas.

1 FUNDAMENTAÇÃO

1.1 O que é esse campo de experiência e qual o seu significado?

Percebemos que conceituar Arte é tarefa bastante complexa, pois, embora seja uma linguagem universal, ela é carregada de subjetividade. Segundo Fusari e Ferraz,

A arte é uma das mais inquietantes e eloqüentes produções do homem. Arte como técnica, lazer, derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão, são variantes do conhecimento arte que fazem parte do nosso vínculo conceitual, estreitamente ligado ao sentimento de humanidade (FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 99).

A Arte nos permite desenvolver o pensamento crítico e, por meio dele, ampliar a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Possibilita ainda, conhecer, apreciar e refletir sobre os elementos da natureza e sobre as produções artísticas, individuais e coletivas, de várias culturas e épocas. Assim, se constitui como conhecimento e como linguagem signifi-



va, que possibilita a criatividade, elemento essencial do desenvolvimento infantil. Também se traduz na expressão de um rico repertório que propicia tanto a apropriação do conceito de belo e colorido, como a comunicação de ideias, sentimentos, sensações.

A Arte é um conhecimento histórico construído pelo homem através dos tempos e todo ser humano tem direito a se expressar por meio dela e de ter acesso a esse saber. Nesse processo histórico, a humanidade criou diferentes modalidades de expressão artística, tais como a linguagem plástica e a visual, em suas diversas formas: desenho, pintura, fotografia, modelagem, escultura, gravura, arquitetura e bordado, além de outras.

Dentre essas diferentes formas de linguagem plástica e visual, destacamos, na Educação Infantil, o desenho, que, na singularidade da sua expressão, oferece a possibilidade de representação da realidade, de formas e elementos do dia a dia. O desenho é, portanto, um modo privilegiado de expressão pela criança, possuindo uma sintaxe própria e se constituindo numa forma de a criança lidar com a realidade que a cerca.

De acordo com Luquet,

[...] o desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral. A intenção de desenhar tal objeto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental; o objeto representado é o que, neste momento, ocupará no espírito do desenhador um lugar exclusivo ou preponderante. (*apud* BRASIL, 1991, p.130)

É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade. Ao prazer do gesto, associa-se o prazer da inscrição, a satisfação de deixar a sua marca.

Toda criança desenha. Pode ser com lápis e papel ou com caco de tijolo na parede. Agir com um riscador sobre um suporte é algo que ela aprende por imitação – ao ver os adultos escrevendo ou os irmãos desenhando, por exemplo. “Com a exploração de movimentos em papéis variados, ela adquire coordenação para desenhar” explica Mirian Celeste Martins, especialista no ensino de Arte e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A primeira relação da meninada com o desenho se dá, de fato, pelo movimento: o prazer de produzir um traço sobre o papel para agir. (GURGEL, 2009, p. 73).

Outras formas de expressão plástica e visual, como a pintura e a modelagem, constituem-se, também, em meios importantes de as crianças deixarem suas marcas e de lidarem com sua realidade.

Por sua vez, o teatro e a dança ganham ainda maiores possibilidades de expressão quando se articulam com as diversas formas de linguagem plástica e a visual.

O teatro dialoga com as outras artes, apropriando-se de suas diferentes linguagens para se fazer mais atuante no âmbito específico da Educação Infantil, levando a criança a aprender, através do jogo dramático, a lidar com a alteridade e com as diferenças, construindo assim um referencial artístico e cultural (SOUZA, 2006).

O teatro envolve a apropriação do espaço cênico, a presença de personagens, a dramaturgia, bem como conhecimentos





e técnicas sobre cenário, figurino, maquiagem, objetos de cena, luz e som, elementos que caracterizam uma ação qualificada com essa forma de expressão. Além disso, ele permite a articulação com as muitas linguagens usadas no processo educativo. Ao fazer teatro, a criança se movimenta, se expressa, gesticula, dança, fala e canta como forma de significar situações e de viver o faz de conta, o lúdico. De acordo com Souza (2006), a experiência de interagir com outras crianças e com adultos lhe possibilita imitar significativamente seus gestos, movimentos e expressões para, por meio do lúdico, criar o gesto infantil, sua forma de expressar, significar e sentir o mundo.

Nas brincadeiras de imaginar ser outra pessoa, de viver outros papéis, as crianças poderão também ser apoiadas pelo adulto ou pelas outras crianças na utilização de vários elementos característicos do teatro: fantasias, maquiagem, adereços, máscaras, etc.

As crianças pequenas interessam-se muito por histórias lidas, contadas ou dramatizadas pela educadora, nas quais ela utiliza dos recursos expressivos da voz (entonações) e expressão corporal, recursos esses também utilizados no teatro. Assim, a dramatização é um recurso importante para o trabalho com as crianças, pois possibilita a exploração do jogo dramático próprio do teatro. Nesse processo, “a criança poderá desenvolver o gosto pela exploração de sua expressão corporal (gestual e vocal) e vivenciar uma experiência criativa e lúdica.” (SOUZA, 2006)

Quanto à dança, essa modalidade artística também tem as suas possibilidades de expressão ampliadas ao introduzir elementos visuais e plásticos como as coreografias, os cenários, os figurinos, as maquiagens, as cores, a iluminação, as perspectivas, dentre outros.

A dança surge como uma das primeiras formas de arte, acompanhando a cultura e o desenvolvimento dos povos. Sempre fez parte da vida do homem, ao longo dos tempos, constituindo-se como uma das formas de o homem exteriorizar as suas emoções, sentimentos, sentido da vida, ou ainda demonstrar o seu estado de espírito. De acordo com Barreto (2005), “a dança e a arte em geral propõem perspectivas estéticas de conhecer, pois dançando o sujeito também compreende e percebe o mundo, a si próprio e as pessoas ao redor através da experiência do fazer artístico.” (p. 22)

Pela dança, do mesmo modo que nas outras linguagens artísticas, o ser humano exprime e transmite, em forma de arte, a sua interpretação da realidade. A dança trabalha a capacidade de criação e imaginação das crianças e possibilita pensar, agir e viver o tempo, o espaço e o corpo, favorecendo seu o desenvolvimento integral. Segundo Pederneiras (2010),

Como arte, [...] a dança pode mudar as pessoas. Quando percebemos o que podemos fazer com o corpo, olhamos para nossos limites com um horizonte maior. Também por ser poderosa como toda arte, a dança nos dá completude. [...] A dança é intrínseca ao ritmo, começa com a pulsação. E o pulso é intrínseco ao ser humano, vem de dentro do nosso corpo. (*apud* VILLAR, 2010, p.26).

Na criança, a dança e a música estimulam áreas do cérebro que aguçam a percepção, desenvolvendo a sensibilidade, o raciocínio, a concentração, a memória, a imaginação e a linguagem corporal. Também colabora na expressão das emoções, facilitando as interações entre as crianças e propiciando o autoconhecimento. Por meio dos relacionamentos estéticos com as outras pessoas e com o mundo, a dança incentiva a expressividade das crianças, pois lida com a comunicação não

verbal e com os diálogos corporais. (BARRETO, 2005).

Ao tratarmos de todas essas modalidades artísticas em uma instituição educativa, alguns eixos devem ser norteadores do trabalho: **a experiência do fazer artístico**, que contempla a criatividade, considerando o processo único e individual vivido por cada sujeito, mas não deixando de lado o uso das técnicas; **a apreciação de obras de Arte**, ou seja, o contato com imagens para decodificação, leitura e fruição, sendo que a leitura de imagens pode gerar novas e diversificadas interpretações, visto que não existe uma interpretação única e correta: sempre existem múltiplas leituras possíveis; **o conhecimento da história da Arte**, que possibilita o senso crítico por intermédio da análise do contexto em que as obras foram produzidas, bem como da maneira como elas se relacionam com o contexto atual.

Esses eixos estão intrinsecamente articulados. Assim, quanto mais oportunidades tivermos de nos expressarmos por meio do fazer artístico, maior será nosso interesse em buscar conhecimentos sobre a Arte e em apreciá-la. Ou mesmo, quanto mais conhecimentos tivermos sobre a História da Arte e sobre as técnicas artísticas, mais elementos teremos para produzi-la e apreciá-la, tendo, dessa forma, maiores possibilidades de vivenciarmos experiências artísticas e estéticas.

A experiência artística e a experiência estética são importantes fatores de humanização, o que significa reafirmar a importância dessas experiências no processo de apropriação e transformação da cultura. Com elas, nelas e por meio delas, é possível conhecer o mundo e, mais que isso, experienciá-lo e transformá-lo.

No que diz respeito às linguagens plástica e visual, a experiência artística supõe o contato com diversos elementos (ponto, linha, cor, textura, volume, ritmos, sombra, luz, movimento, perspectiva, planos bi e tridimensionais, etc.), com diversos suportes (papel, tela, lixa, parede, teto, chão, tela do computador, pedestal, etc.), com diversos materiais (tinta, anilina, carvão, terra, areia, folhas, flores, argila, gesso, madeira, etc.), com diversos instrumentos (as mãos, pincel, lápis, giz de cera, esponja, estilete, programas de computador, máquina fotográfica, etc.) e com diferentes técnicas (pintura a dedo, desenho de observação, desenho com interferência, modelagem com argila, elaboração de máscaras com papel machê, etc.). Nesse caso, o foco pode ser a produção ou apreciação de imagens, filmes, teatro, músicas, esculturas, desenhos, pinturas, dança, entre outros.

Já a experiência estética, possibilita ao sujeito o julgamento do que é belo prazeroso ou bom; a estética está diretamente ligada a proporções e harmonia de cores ou objetos dentro de um mesmo espaço. Historicamente, a palavra “Arte” sempre esteve diretamente ligada à beleza e aos objetos que buscavam o belo. Entretanto, mais recentemente, a relação estética entre o belo e o fazer artístico passou a ser vista como algo que vai além da avaliação a que submetemos esse campo de conhecimento, dizendo respeito aos sentimentos e às emoções que uma obra de Arte expressa ou comunica.

Possibilitar o desenvolvimento da experiência artística pressupõe a realização de algo novo, que se adapte a uma necessidade da criança, ou seja, uma forma de resolver alguma questão. Portanto, pode-se simplesmente deixar a criança criar ou pedir-lhe que desenhe o que a está deixando triste ou aquilo de que ela mais gosta. Por meio da experiência artística, a criança consegue demonstrar ideias, mostrar como vê a vida ou criar algo, obtendo, ainda, um resultado



artístico. A criança não produz desenhos com intenção de transformá-lo em obra de Arte a ser colocada em exposição. Ela desenha porque foi orientada a fazê-lo ou porque deseja representar livremente no papel aquilo que tem vontade ou inspiração.

Assim, o sentimento expresso pela Arte, tanto pode ser um momento de imaginação, quanto uma forma de comunicação, uma exteriorização dos desejos e emoções das crianças. Ainda que a Arte possa desvelar desafios e problemas do dia a dia, não podemos, como educadoras, determinar se é uma ou outra coisa, mas apenas oferecer à criança a oportunidade dessa expressão.

A criança que vivencia a Arte no seu grupo social, pelo artístico ou pelo estético, se torna cada vez mais humana. A Arte é uma forma de desvendar o mundo por intermédio da sensibilidade e da estética, bem como por meio da criação e da expressão. Nesse sentido, é fundamental entender o processo de produção da obra de Arte para além do resultado obtido, sendo necessário abrir possibilidades para a criança imaginar, observar, apreciar, produzir e conhecer Arte.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil reafirmam as discussões aqui apresentadas, ao definir, em seu artigo 9º, que no currículo das instituições de Educação Infantil devem ser garantidas experiências que:

[...]

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo, domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

[...]

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

[...]

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras; (BRASIL, 2009, p. 4).

1.2 Como o conhecimento sobre esse campo de experiência foi construído historicamente pela humanidade?

Retomar a história da Arte em poucas páginas é tarefa ousada e quase impossível. Por isso optamos por destacar os principais movimentos artísticos, buscando ilustrar como esse conhecimento foi construído pela humanidade, desde a pré-história até os dias de hoje. Entendemos que refletir sobre a Arte ao longo da história possibilita à profissional da Educação Infantil planejar mediações pedagógicas pautadas em atividades significativas, projetos, trabalhos de campo, ateliês e outras que aproximem a criança da Arte e da expressão artística.

Para um maior aprofundamento, organizamos, ao final deste caderno, um glossário, cujo objetivo é apresentar a definição de alguns termos mais comuns no campo da Arte.



As primeiras formas de expressão da humanidade foram as pinturas em cavernas, chamadas pinturas rupestres. A palavra rupestre significa gravada ou traçada na rocha, na pedra. São pinturas de bisões, veados, cavalos, bois, mamutes e javalis, que se conservaram até os dias de hoje por estarem localizadas nos recessos das cavernas, longe das superfícies habitadas e da luz do sol. Os arqueólogos especulam que as mais antigas podem ter até 15.000 anos e que nossos antepassados criavam as figuras para garantir uma boa caça, pois muitos animais aparecem trespassados por flechas; furos nas paredes indicam que os habitantes das cavernas atiravam lanças nos animais desenhados. Os desenhos não eram ainda considerados arte, mas uma forma de comunicação num tempo em que não havia ainda a linguagem escrita.

Pinturas de dançarinos encontradas em paredes de cavernas na África e no sul da Europa mostram que a dança foi uma das primeiras formas de expressão artística e pessoal. As cerimônias religiosas que combinavam dança, música e dramatizações provavelmente desempenharam um papel importante na vida do homem pré-histórico.

No Brasil, são encontradas diversas manifestações de arte rupestre, sendo que os locais mais conhecidos são Napolini e Florianópolis, em Santa Catarina; Lagoa Santa, Varzelândia e Diamantina, em Minas Gerais; Toca da Esperança, na região central da Bahia; Serra da Capivara, no Piauí, próximo às cidades de Coronel José Dias e São Raimundo Nonato.

Das pinturas rupestres à arte contemporânea, percebemos um longo processo, durante o qual a expressão artística humana vai se diferenciando e se tornando cada vez mais plural. Os historiadores, críticos e estudiosos de arte organizam a história da arte em vários períodos, estilos e movimentos artísticos.

Assim, cada uma das grandes civilizações antigas (Egito, Mesopotâmia, Pérsia, Índia, China, Grécia, Roma e Arábia) desenvolveu um estilo único e característico de fazer Arte, sendo esse conjunto classificado como arte da antiguidade.

No período que compreende o milênio entre os séculos V e XV, da queda império romano ao Renascimento, temos a Arte medieval. O período inicial é chamado Idade das Trevas e vai de 565 (queda do imperador bizantino) até 800 (reinado de Carlos Magno). Alguns autores não concordam que a Idade Média possa ser caracterizada somente como a Idade das Trevas, pois é possível vislumbrar muitos pontos de luz na arte e na arquitetura, o que inclui o esplendor da corte bizantina, em Constantinopla, e a imponência das catedrais góticas. Alguns estilos e movimentos são: arte gótica, arte pré-românica, arte bizantina, barroco, rococó, neoclassicismo, maneirismo e outros.

Em toda a evolução da Arte ocidental, o século XX produziu a ruptura mais radical com o passado. A Arte do século XX, Arte moderna, não apenas decretou que qualquer tema era adequado, como também liberou a forma (como no Cubismo) das regras tradicionais e livrou as cores (como no Fovismo) da obrigação de representar com exatidão os objetos. Os artistas modernos desafiavam as convenções, seguindo o conselho de Gauguin: “quebrar todas as janelas velhas, ainda que cortemos os dedos nos vidros”. O Modernismo buscava uma liberdade de expressão radical.

Em relação à Arte moderna, temos, entre outros, os seguintes movimentos: realismo, naturalismo, impressionismo, pre-



-impressionismo, simbolismo, art nouveau, cubismo, fovismo, expressinismo, dadaísmo, surrealismo. Vale destacar que o ponto comum entre esses diferentes estilos agrupados como Arte moderna é a ideia de rompimento com as formas tradicionais e a busca por novas formas de expressão.

Já a Arte contemporânea compreende o período artístico da segunda metade do século XX e se prolonga até os dias de hoje. Após a Segunda Guerra Mundial, a necessidade da produção em massa sobrepõe-se aos costumes e a Arte começa a incorporar ao seu repertório questionamentos bem diferentes das rupturas propostas pela Arte moderna. O movimento social se revela na pintura, na literatura, na moda, no cinema e em outras manifestações artísticas. Como dispositivo de pensamento, a Arte se apropria tanto de imagens que fazem parte da história da Arte como das que habitam o cotidiano, interrogando-as e atribuindo novos significados a elas. O belo contemporâneo não busca mais o novo nem o espanto, como as vanguardas da primeira metade do século XX; propõe o estranhamento ou o questionamento da linguagem e sua leitura. Alguns estilos e movimentos são: op art, videoarte, happening, pop art, expressionismo abstrato, minimalismo, body art, fotorrealismo, internet art, street art, entre outros.

A Arte sempre foi utilizada pelo homem para expressar ideias e pensamentos. Através das formas, conceitos e estilos desenvolvidos, ao longo dos séculos, nas artes plásticas e visuais, na dança e no teatro, é possível acompanhar a história de cada época vivida pela humanidade e as transformações ocorridas no processo civilizatório. Em outras palavras, as transformações e rupturas sociais e culturais se refletem, de forma contundente, em todas as manifestações artísticas de cada momento histórico. Ao trabalhar com Arte, a profissional da Educação Infantil precisa entender que, “o mundo da arte é vastíssimo. Ao nos inserirmos nele estaremos sempre conhecendo e descobrindo coisas novas. E, quanto mais aumentamos a nossa sensibilidade, mais adentramos nesse fabuloso universo que nunca tem fim”. (Dias, 2011, s.p).

1.3 Como a criança aprende, se desenvolve e torna-se progressivamente humana, por meio desse campo de experiência?

Todos nós nascemos com a capacidade de nos expressarmos pela Arte. Entretanto, o desenvolvimento dessa capacidade depende das experiências que vivenciamos. Assim como a capacidade de apreciação, a capacidade de se expressar pela Arte é uma qualidade do ser humano que pode ou não ser desenvolvida e aperfeiçoada.

A apropriação artístico-cultural das crianças tem tempo e ritmo próprios, ocorre na medida em que estabelecem um diálogo direto com diferentes obras, acionando seus acervos, afetividade e cognição, possibilitando múltiplos olhares e sentidos. E será tão mais intensa quanto mais exercermos o papel de instigar sua curiosidade e provocar novas indagações. (LOPES;MENDES;FARIA, 2006a, p. 26).

Como sujeito de cultura, a criança precisa conhecer o mundo no qual está chegando para ter condições de se tornar humana e de realizar suas escolhas morais, religiosas, éticas e estéticas. A relação entre **Arte** e desenvolvimento humano tem sido reconhecida como indispensável aos processos educativos das crianças e ao desenvolvimento das potencialidades de cada uma.

Esses processos se dão tanto nas situações cotidianas, como na educação formal. A escola se configura, assim, como um dos espaços fundamentais para as crianças conhecerem o mundo, se apropriarem dos conhecimentos socialmente acumulados e se formarem para fazer tais escolhas. Nesse processo, os conhecimentos e saberes relativos ao universo artístico são essenciais.

Precisamos considerar a criança como um ser com necessidades próprias, que tem desejos e que pensa criticamente, sendo capaz de criar, produzir e questionar. Por isso, devemos, a todo o momento, trazer questões desafiadoras e provocativas para dentro das instituições, entendendo a Arte como uma linguagem que dialoga com desafios, com o uso da imaginação com a diversidade e a criatividade.

A experiência estética possibilita à criança o enriquecimento do seu repertório cultural, a ampliação de sua visão de mundo e do seu senso crítico. O contato com obras de Arte a leva a conhecer outras culturas e o significado de cada manifestação cultural, em função do estranhamento que vivencia quando se depara com questões que não pertencem ao seu cotidiano.

Sabemos que a apropriação de conhecimentos e saberes se dá principalmente pelas experiências vividas e que, no processo de criação, precisamos reorganizar a todo o momento os elementos adquiridos na vivência do dia a dia. A criança precisa de estímulo visual e material para construir seu processo de criação. Como profissionais, não podemos ser apenas transmissores de conhecimentos, mas pesquisadores e experienciadores da Arte.

É importante conhecermos como a criança se apropria desse campo de experiência, considerando as diferentes modalidades: desenho, pintura, fotografia, modelagem, escultura, gravura, arquitetura, bordado, dança e teatro.

A relação entre desenho e desenvolvimento humano tem sido reconhecida como indispensável aos processos educativos das crianças e ao desenvolvimento das potencialidades de cada uma.

No seu processo evolutivo, a criança, ao final do seu primeiro ano de vida, já é capaz de manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos, fase conhecida como dos rabiscos ou garatujas. Antes dessa regularidade, ela é capaz de fazer marcas em diferentes suportes, bastando para isso, ser incentivada pelo adulto. Ela aprende a desenhar, desenhando, a pintar pintando, a esculpir, esculpindo. Cabe ao adulto incentivá-la a expressar seus sentimentos e suas ideias no momento da criação.

O desenho da criança evolui da garatuja para construções cada vez mais ordenadas em que surgem os primeiros símbolos. É na interação com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas, crianças e adultos, que a criança vai aprendendo e se desenvolvendo. Na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, e ela sente prazer em perceber os efeitos visuais que essa ação produziu. A figura humana é inexistente





ou pode aparecer da maneira imaginária. A cor tem um papel secundário, aparecendo o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. Com o passar do tempo, as garatujas, que refletiam o prolongamento de movimentos rítmicos de ir e vir transformam-se em formas definidas que apresentam maior ordenação. As crianças começam a atribuir significados a seus desenhos, nomeando-os, e eles podem estar se referindo a objetos naturais, a objetos imaginários ou mesmo a outros desenhos. Aparecem nas suas produções formas fechadas organizadas por relações topológicas (dentro/fora, em cima/embaixo, etc.) que apontam para uma progressiva organização das garatujas.

Essas formas fechadas vão se complexificando, gerando, num certo caminho evolutivo, desenhos que mais parecem um diagrama ou uma colméia e que ocupam toda a superfície usada no desenho, seja uma parede ou uma folha. Algumas crianças resistem a esse formato, pois percebem que o outro não reconhece na sua produção as formas ou objetos conhecidos. Já outras crianças, seguindo outro caminho evolutivo, nas formas fechadas vão acrescentando filamentos e linhas que geram desenhos que se parecem com sóis ou aranhas. Essas representações são os rudimentos da representação da figura humana. É uma “gestação gráfica” (BRASIL, 1991, p.134) muito significativa e que o adulto deve acompanhar.

Nesse processo, o desenho da criança evolui. Ela passa a desenhar temas clássicos como paisagens, casinhas, flores, super-heróis, veículos e animais, varia no uso das cores, buscando certo realismo. Suas figuras humanas já dispõem de novos detalhes, como cabelos, pés e mãos, e a distribuição dos desenhos no papel obedecem a certa lógica. Esse pode ser um bom momento para discutir questões de raça e gênero; como a cor da pele. Por que sempre usamos rosa claro para colorir as bonecas? Mostrar para as crianças que existem pessoas negras e que, portanto, elas devem estar nos registros. As pessoas ainda têm medo de colorir com o lápis preto ou marrom. Isso é uma questão de estética e precisa ser discutida com as crianças. Outra questão que ainda é comum é o empréstimo de características humanas a elementos da natureza, como o famoso sol com olhos e boca.

As produções das crianças vão ganhando em detalhes. Os desenhos passam a se basear em roteiros com começo, meio e fim. As figuras humanas aparecem vestidas e a criança dá grande atenção a detalhes como as cores. Os temas variam e o fato de não terem nada a ver com a vida dela são um indício de desprendimento e capacidade de contar histórias sobre o mundo.

Considerando todo esse processo evolutivo do desenho, entendemos que o importante é respeitar os ritmos de cada criança e permitir que ela possa desenhar livremente, sem intervenção direta, explorando diversos materiais, suportes e situações. Para tentarmos entender melhor o universo infantil muitas vezes buscamos interpretar os seus desenhos. Devemos, porém, lembrar que a interpretação de um desenho isolada do contexto em que foi elaborado não faz sentido.

É importante que a profissional da Educação Infantil ofereça às crianças o contato com diferentes tipos de desenhos e obras de Arte e que possibilite que elas façam a leitura de suas produções e escutem a de outros. Enfim, o desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados.

Apesar de serem formas de expressão diferentes, podemos considerar os mesmos elementos colocados na evolução do desenho para também compreendermos os processos de desenvolvimento da criança em relação à pintura, à colagem, à



modelagem, respeitando-se, é claro, suas especificidades.

Enfim, o processo de apropriação das diferentes linguagens, desde o estranhamento até a experiência estética, é um importante fator de humanização dentro das instituições. Nesse processo, todos são constantemente desafiados a vivenciar novas possibilidades e a adquirir múltiplos olhares e novos sentidos. A Arte nos instiga a conhecer a inteireza do homem, na sua expressão.

2 OBJETIVOS

A Educação Infantil, em relação à Arte e à linguagem plástica e visual, deve possibilitar às crianças:

- descobrir a Arte como uma linguagem que possibilita a expressão de pensamentos, sentimentos, emoções e ideias.
- construir uma atitude de autoconfiança em relação à sua produção artística e de respeito pela produção dos colegas.
- assumir postura crítica diante de suas produções e das de outras pessoas.
- desenvolver o gosto e a admiração pelas produções da escola e pelas obras regionais, nacionais e internacionais às quais tiver acesso.
- familiarizar-se com uma grande diversidade de produções artísticas e com diferentes formas de linguagem plástica e visual: desenho, fotografia, cartaz, vídeo, história em quadrinhos, artes gráficas.
- apropriar-se de elementos, suportes, materiais, instrumentos e técnicas da linguagem visual e plástica, bem como das formas de utilizá-los.
- desenvolver o gosto pela Arte expressar-se por meio dela, mantendo uma atitude de busca pessoal, articulando percepção, imaginação, emoção, sensibilidade e reflexão.
- ampliar seus conhecimentos sobre história da Arte.
- apropriar-se das formas de expressão disponíveis hoje e daquelas produzidas ao longo da história da humanidade: cinema, teatro, dança, música, pintura, gravura, escultura, fotografia, computação gráfica, etc.
- ter acesso à produção cultural popular (manifestações regionais, folclóricas).





- familiarizar-se com a dança e com as artes cênicas.
- ampliar as possibilidades de expressar-se por meio do teatro e da dança, com os recursos das artes plásticas e visuais.

3 EXPERIÊNCIAS

Tendo como eixo a formação humana, a Educação Infantil deve, em relação à Arte e a linguagem plástica e visual, proporcionar às crianças a vivência de múltiplas experiências, tais como:

- Interagir com materiais e instrumentos, meios e suportes diversificados.
- Apreciar obras de arte de diversos artistas.
- Fazer releituras de obras de arte.
- Criar e construir formas plásticas.
- Desenhar, pintar, recortar, colar, fotografar, modelar com a utilização de diferentes instrumentos, materiais e técnicas.
- Fazer um desenho animado.
- Produzir desenhos (livre, de observação, com interferências, etc.).
- Pintar com pincel, dedo, canudinho, bucha, algodão, etc.
- Produzir materiais para pintar e fazer colagens a partir de elementos da natureza, como tinta de legumes, de terra, folhas, flores, gravetos, etc.
- Modelar com utilização de argila, argila com cola, massinha, papel marchê, etc.
- Representar com utilização de fantoches, teatro de sombras, marionetes, contação de histórias, fantasias, etc.
- Confeccionar figurinos.
- Dançar livre e a partir de coreografias.
- Criar coreografias.

- Improvisar.
- Representar e dramatizar.
- Criar cenários.
- Trabalhar com maquiagens para caracterização de personagens.
- Inventar personagens.
- Representar diferentes situações dramáticas, cômicas, alegres, tristes, de suspense, de terror, etc.
- Entrevistar artistas plásticos, cantores, bailarinos, professores de artes, virtuosos, etc.
- Visitar museus, exposições, espetáculos de dança e teatrais, concertos, etc.



4 SABERES E CONHECIMENTOS

A partir das experiências relacionadas acima e de muitas outras, as crianças poderão construir saberes e conhecimentos, tais como:

- Apropriação de técnicas diversas;
- Utilização de instrumentos, materiais, texturas e cores variados;
- Observação de obras de arte e percepção do significado dessas obras;
- Utilização de materiais da natureza e suas possibilidades de uso;
- Aquisição das noções de espaço e temporalidade;
- Identificação de artistas estilos, épocas e culturas;
- Utilização de elementos da linguagem visual (ponto, linha, textura, volume, ritmos, luz, sombra, movimento, etc.);
- Localização de formas visuais em diversos meios de comunicação: fotografia, cartaz, vídeo, história em quadrinhos, artes gráficas, desenho animado e publicidade;
- Valorização dos próprios trabalhos e dos trabalhos de seus colegas;



- Respeito pela própria produção e pela produção do outro;
- Identificação de concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas;
- Utilização da técnica de desenho animado;
- Valorização da arte popular;
- Valorização da arte erudita;
- Percepção de estilos e ritmos de dança;
- Compreensão de comédias e dramas;
- Produção de cenários e coreografias.



5 DINAMIZAÇÃO DO CAMPO DE EXPERIÊNCIA DO CURRÍCULO NA RELAÇÃO COM OS ELEMENTOS DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Cabe às profissionais que trabalham com Educação Infantil a responsabilidade de ampliar o contato das crianças com o mundo da Arte, entendendo esse contato como uma experiência essencial no processo de humanização.

É muito comum ouvir crianças maiores, adolescentes ou adultos afirmarem que não gostam de Arte ou de ir ao teatro ou ao cinema, o que se justifica pela grande carência de vivências estéticas e culturais. De modo geral, não incluímos visitas a museus, idas a cinemas, frequência a oficinas de Arte ou leitura de obras de artistas em outros espaços na prática pedagógica cotidiana. Atualmente, essas experiências vêm sendo incorporadas ao currículo de algumas instituições, mas ainda como prática isolada da profissional que trabalha com Arte e sem uma discussão anterior e posterior à experiência.

Aliada a essa ausência no currículo, existe também a questão de a profissional não se preparar para a visita, não conhecer a exposição antes e nem mesmo pesquisar sobre as obras ali expostas, ou seja, ele não dialoga previamente com as crianças, perdendo a oportunidade de enriquecer as discussões e provocar questionamentos.

Quando vivemos o prazer da experiência estética, procuramos ir cada vez mais ao cinema ou assistir a vídeos, buscamos frequentar mais os museus ou ler livros de Arte, ouvir mais músicas, seja no rádio, no aparelho de som ou nos shows, admirar mais espetáculos de dança, seja ao vivo ou na TV. A cada dia nosso repertório estará se ampliando, assim como nossa formação cultural. Em Arte, assim como em outros campos do conhecimento humano, há sempre algo mais para se saber: qual técnica utilizada pelo artista? A que movimento esta pintura pertence? Quem foi este pintor? De início, o importante é que a pessoa tenha autonomia na trajetória de apropriação artístico-cultural,

que é a possibilidade de exercitar um olhar e uma escuta pessoais diante da obra vista/ouvida. No processo de apropriação ocorre a construção de olhares, escutas e movimentos sensíveis que você experimentou e acumulou ao longo de sua vida. Quanto mais experiências estéticas, maiores as possibilidades de apropriação artístico-cultural. (LOPES;MENDES;FARIA, 2006a, p.25).

Tendo isso em mente, é preciso, antes de tudo, conhecer esse campo de atividade humana, o que se configura como fator de humanização também da profissional. Ao se apropriar de informações importantes sobre o universo artístico, ela se apropria também de uma parte importante da história da humanidade, amplia sua visão de mundo e tende a modificar sua concepção de escola, de educação, de criança, de sociedade e de vida. Com essa visão mais “alargada”, é possível estabelecer os objetivos que pretende alcançar com o trabalho junto às crianças.

Se uma obra de Arte tem que ser necessariamente bela, a resposta virá da concepção de belo e de Arte de cada pessoa. Assim como uma aula de Arte, bela ou não será sempre consequência da concepção de Arte de cada professor. Caem por terra, portanto, todos os métodos e fórmulas prontas para o ensino de Arte. Se aceitarmos esse princípio, cada professor terá de encontrar seu próprio caminho, a partir de suas escolhas estéticas e de como concebe o sujeito a ser educado: autor ou reproduzidor? (HOLM, 2005, p.7).

Nesse sentido, o trabalho com esse campo de experiência na Educação Infantil pode se pautar: no conhecimento da História da Arte e na relação, estreita e necessária, entre o contexto histórico e a Arte produzida num determinado período; em releituras de obras de Arte (famosas ou não), com análise das técnicas utilizadas pelos artistas, das intenções ao produzir a obra e do contexto histórico em que ele viveu; nas técnicas relativas ao fazer artístico; no contato com as diversas formas de expressão artística (desenho, pintura, escultura, dança, fotografia, entre outras); no manuseio de materiais diversos; na oportunidade de experimentar desenhos, formas, cores, texturas e materiais diversos. Essas atividades e esses materiais devem ser colocados à disposição da criança, que pode realizar atividades orientadas e ter a possibilidade de experimentá-los na dimensão corporal (sentidos) e na dimensão subjetiva (sentimentos).

A instituição de Educação Infantil deve considerar a integralidade da criança, concebendo-a como um ser constituído de diversas dimensões. Esse campo de experiência favorece o trabalho realizado dentro dessa concepção, uma vez que fornece subsídios para que as crianças se expressem de forma bastante interessante, diferenciada, abrangente e lúdica. Devemos pensar a arte na sua perspectiva mais ampla. No que diz respeito às diversas culturas, ainda trabalhamos muito a arte europeia como única e mais bela. Fazer uma pesquisa sobre a arte não só européia, mas também brasileira, indígena, a arte africana, latinoamericana e oriental, colocando no universo das crianças as diversas possibilidades de expressão são o caminho para uma discussão sobre a diversidade e sua riqueza.

No entanto, entre outros vícios arraigados nas práticas pedagógicas, estão a seleção, a classificação, o julgamento e a avaliação que a instituição faz dos trabalhos e atividades realizadas pelas crianças. Ao falarmos de avaliação é importante ressaltar o desenvolvimento dos trabalhos com as crianças com deficiência, principalmente quando o que está em jogo é o respeito às diferenças e aos ritmos diferenciados. Pensar que todas as pessoas são capazes de produzir arte e que, em alguns momentos, é preciso pensar estratégias para motivá-las é um caminho rico para a inclusão de todos e todas.





Dependendo da forma como forem trabalhadas, as possibilidades apresentadas acima podem não oferecer às crianças nada além da transmissão de conteúdos. No entanto, se a criança puder vivenciá-las de forma significativa, elas podem se configurar, efetivamente, como experiência artística e/ou experiência estética.

O estímulo à produção da criança deve ir além do que enxerga o adulto, que deve ter um olhar sensível, positivo, transformador e buscar o êxito em sua atuação. O papel da educadora é valorizar e entender a produção da criança e não reduzi-la ao seu senso de beleza estética.

O momento de criação artística não deve visar somente ao “belo” ou ao desenvolvimento cognitivo, mas permitir o desenvolvimento pleno da subjetividade, peculiar ao que nos afeta como humanos, ou seja, a liberdade de expressão. Para estimular a criança a adquirir essa liberdade de comunicar-se ou de criar, a educadora tem de aceitar a Arte visual como linguagem, como um código inovador de comunicação com o mundo.

Se pedirmos a um adulto que desenhe uma casa, por exemplo, a grande maioria fará um desenho estereotipado onde se juntam várias formas geométricas como triângulo, quadrado e retângulo. Se esse é o modelo apresentado para a criança, é ele que será sua referência sempre que for desenhar uma casa. Portanto, ao apresentar e discutir sobre a forma de uma casa devemos levar diferentes modelos de várias culturas, incluindo ocas e cabanas, permitindo que a criança reflita sobre o sentido da moradia para o sujeito de cada cultura. Essa experiência precisa ser vivenciada na infância, quando vários conceitos estão sendo formulados e redimensionados.

Ressignificar a cada dia os múltiplos olhares que a Arte proporciona reflete o trabalho realizado dentro de uma proposta mais criativa, na qual cada descoberta é discutida e valorizada. Acreditar que a criança está fazendo arte quando cola bolinhas coloridas por cima de desenhos prontos e estereotipados é, no mínimo, um equívoco, pois sua liberdade de expressão e de criatividade é podada durante uma tarefa como essa. Sendo assim, ao pensarmos em atividades para as crianças, é importante refletir se as atividades propostas são cerceadoras ou não. Fazer um desenho livre ou aproveitar pedaços de tecidos ou papéis coloridos, que não sejam necessariamente para a confecção de bolinhas, pode trazer novos desafios para as crianças. Elas tentarão escolher qual o material que melhor se encaixa na sua figura e farão uma análise de tamanhos, dimensões e cores, o que caracterizará um interessante trabalho pedagógico.

Nas atividades artísticas de expressão, deve-se refletir sobre como o trabalho com o desenho é considerado nas instituições de Educação Infantil e quais as posturas das profissionais diante da produção das crianças. Ainda é muito comum escolher os desenhos “mais bonitos” para enfeitar os murais no interior e exterior das salas de atividades. Essa ação podadora serve somente para validar determinado conceito de beleza, além de não incentivar a liberdade de expressão, uma vez que sempre colocará um modelo em exposição. Outra prática ainda comum é a de colocar um desenho xerocado no quadro como modelo e pedir para as crianças reproduzirem fielmente os traços e as cores, o que desconsidera a imaginação e a criatividade da criança. Quem sempre apresenta às crianças uma árvore com o tronco marrom e folhas verdes está desconsiderando a diversidade da flora do nosso país e também do nosso planeta. Desse modo, é preciso sair do espaço “seguro” das quatro paredes e passear

pelo pátio, pelas ruas e pelos parques, mostrando a árvore como ela realmente é e explicando que, dependendo da estação do ano, suas folhas caem, secam e mudam de cor.

Como é extremamente curiosa e aberta ao novo e ao inusitado, a criança precisa de um espaço desafiador, no qual seu corpo possa se movimentar livremente e ela possa pesquisar, experimentar e escolher materiais e suportes diversificados

As crianças muitas vezes são obrigadas a criar em salas arrumadas demais. A arrumação estraga a curiosidade, a espontaneidade e o desejo de experimentar – habilidades que as crianças trazem do berço. Falar de Arte às crianças está na moda, e a idéia de oferecer oficinas de Arte para crianças é muito boa. Mas o problema é que não se pode criar em salas muito padronizadas. Você nunca chega ao artístico, porque isso só acontece quando se está num terreno deliciosamente instável. Mesmo assim, temos que sair em busca das coisas. Muitos adultos não têm certeza disso e, por isso, impõem limites rígidos às crianças. (HOLM, 2005, p. 14).

Portanto, a prática da livre escolha de materiais diversificados durante as oficinas de Arte é uma forma de proporcionar à criança mais liberdade e autonomia nas suas decisões. É importante que a profissional esteja atenta a novas descobertas e principalmente que não subestime a capacidade criadora das crianças, sejam elas pequenas ou maiores.

Durante o processo de criação em atividades livres, não basta colocar os trabalhos prontos na parede ou montar pastas com as atividades de um determinado período. Como a Arte é processual, é imprescindível fazer a reflexão e a discussão de como se chegou ao resultado final, o que, na maioria das vezes, é a parte mais divertida para a criança.

Sair dos limites do papel e descobrir, na experiência, formas, linhas, pontos e cores torna a vivência artística um detonador de novas ideias. Buscar elementos do cotidiano para construir materiais e formas é visualizar o processo de ensinar e aprender na perspectiva do universo a que pertencemos.

Outro processo importante a ser considerado no trabalho com a Arte é a vivência do teatro dentro das instituições, que pode ser trabalhado tanto com os bebês como com as crianças maiores. Na verdade, o teatro já está sendo trabalhado com os bebês quando o educador muda a voz para imitar personagens ou para chamar a atenção das crianças pequenas. No trabalho com os fantoches, os bonecos coloridos viram personagens divertidos e a criança pode assistir a peças inventadas ou interpretadas pela profissional, além de manusear os bonecos, descobrindo formas e texturas durante esse processo.

Quando as crianças já estão maiores, o teatro trará outras possibilidades: contar histórias já conhecidas e pedir que elas as interpretem é uma prática comum nas instituições. O trabalho com o teatro traz muitas outras possibilidades, como a improvisação, a criação de novos personagens e os jogos para desinibição e interação.

Temos ainda a dança, que se configura como uma importante forma de expressão a ser apresentada para crianças de 0 até 6 anos para ser vivenciada por elas. Mesmo nas instituições que atendem somente aos bebês, a dança pode fazer parte da rotina, pois eles estão na fase de descobrir novas melodias, sons e movimentos criados por elas ou a partir da imitação





dos movimentos dos adultos. A dança proporciona atividades que requerem movimento, animação, alegria, concentração, relaxamento, fornecendo subsídios para que a criança construa sua estrutura corporal, conheça seu próprio corpo e os elementos que compõem os movimentos, além de interagir e vivenciar experiências coletivas.

Nas atividades coletivas, as improvisações em dança darão oportunidade à criança de experimentar a plasticidade de seu corpo, de exercitar suas potencialidades motoras e expressivas ao se relacionar com os outros. Nessa interação poderá reconhecer semelhanças e contrastes, buscando compreender e coordenar as diversas expressões e habilidades com respeito e cooperação (BRASIL, 1997, p. 68).

A dança pode ser expressa por meio de atividades lúdicas, tais como: “jogos, brincadeiras, mímicas, interpretações de músicas”, ou atividades técnicas, como “exercícios técnicos de dança, improvisação, atividades de conscientização corporal” (BARRETO, 2005, p. 70). Outras formas possíveis são as atividades inspiradas no cotidiano, como a exploração de danças e movimentos cotidianos e temas da cultura brasileira.

Outro momento significativo é o trabalho de campo com as crianças em museus, shows, exposições, feiras, teatros, recitais e outros eventos. Organizar atividades que possibilitem essas experiências é fundamental, pois as crianças aprendem a observar, a como agir em tais ambientes, familiarizando-se com as normas e regras específicas desses locais, a apreciar a produção e ter contato com objetos e materiais artísticos diversificados e ampliam o conhecimento artístico e estético. É importante que a profissional da Educação Infantil planeje a atividade fazendo uma visita prévia ao local onde pretende levar as crianças, organizando e coletando informações importantes sobre o evento, com objetivo de explorar ao máximo as possibilidades da proposta. A atividade deve ser planejada com as crianças, promovendo a discussão sobre as expectativas quanto à mesma, o que elas esperam ver e sobre as regras de conduta nos locais ou eventos.

Diante do exposto, é necessário que as profissionais:

- organizem espaços, tempos e materiais para o trabalho de Arte nas suas diversas modalidades: plásticas e visuais, música, dança, teatro, entre outras.
- proponham atividades artísticas e experiências significativas de apreciação estética.
- valorizem as produções das crianças.
- proponham técnicas variadas para o desenvolvimento do trabalho de arte.
- acompanhem o processo das crianças, comparando-as com elas mesmas e ajudando-as a autoavaliarem suas produções.
- enriqueçam as experiências das crianças colocando-as em contato com obras de arte verdadeiras e não com estereótipos e desenhos mimeografados para colorir ou preencher.

- atuem no sentido de as crianças adquirirem um olhar sensível diante de uma obra de arte, possibilitando ampliação da percepção em relação a ela.
- busquem bibliografia referente ao assunto que estiver sendo estudado.
- instiguem as crianças a buscarem informações sobre artistas, estilos, técnicas, materiais, etc. que compõem o fazer artístico.
- oportunizem às crianças, desde muito pequenas, situações em que possam observar, manipular, investigar, experimentar, diferentes materiais, suportes e técnicas.
- possibilitem o acesso das crianças a livros, imagens, filmes, fotografias, cenários naturais, pinturas, colagens, esculturas, gravuras, ilustrações e desenhos.
- ampliem o conhecimento de mundo da criança por meio do contato com objetos e materiais artísticos, além de explorar as diversas formas de expressão artística.
- possibilitem a socialização, valorização e apreciação do fazer artístico das crianças.
- oportunizem às crianças a conquista da autonomia, expressando, por meio da linguagem artística suas emoções, valores, regras, conceitos, fazendo uso de sua fantasia, imaginação e criatividade.
- ampliem o conhecimento artístico e estético das crianças oportunizando-lhes a ida a exposições, museus, concertos, saraus, recitais, shows, teatros, espetáculos de dança, feiras de artesanato.



6 GLOSSÁRIO

A

Ação – O desenrolar de toda a trama, ou dos atos e cenas do drama, assim também como do cinema e mesmo no romance escrito.

Africana, Arte – A arte mais conhecida desse continente é a do Egito. No entanto, a produção artística não se limitou ao que os egípcios produziram. Na África tropical, os principais produtos artísticos são máscaras e esculturas em madeira, que têm forma angulosa, assimétrica e distorcida. Para os membros da sociedade africana, esses eram objetos sagrados que traziam a força vital de um espírito ancestral ou da natureza, com poder de curar doenças e ferir os inimigos. Em ocasiões especiais, as máscaras e as estátuas eram retiradas dos santuários, lavadas, untadas com óleo de palmeira e decoradas com panos e contas. Fora dos rituais, elas eram consideradas tão impregnadas de poderes sobrenaturais que ficavam escondidas; mulheres e crianças eram proibidas de vê-las.



Máscara do século XVI, Nigéria, Edo

Artes plásticas – As artes plásticas ou belas-artes são as formações expressivas realizadas com a utilização de técnicas de produção que manipulam materiais para construir formas e imagens que revelem uma concepção estética e poética de um determinado momento histórico. O surgimento das artes plásticas está diretamente relacionado com a evolução da espécie humana.

Ator – Intérprete de um papel teatral. O que interpreta um personagem

Ateliê – É o lugar de trabalho de pessoas com vontade de criar e onde se pode experimentar, manipular e produzir um ou mais tipos de Arte. Incluem-se nesta definição qualquer espaço onde um indivíduo trabalha com fotografia, vídeo, ilustração, escultura, pintura, animação, desenho, colagem, etc

B

Ballet ou balé – Estilo de dança originado na Europa Medieval, mais especificamente nas cortes reais onde o objetivo

primário era entreter a nobreza. Eram utilizados recursos de dança, poemas recitados, canções e efeitos cênicos, em que homens e garotos detinham os principais papéis. A partir do século XIX as bailarinas – que até então ocupavam um segundo plano – passaram ter lugar de destaque.

Baixo relevo – Escultura feita sobre um suporte, que pode ser uma placa ou bloco de pedra, madeira, gesso etc., com as figuras esculpidas se destacando do fundo. O que diferencia um baixo-relevo de um alto-relevo é a espessura das esculturas, ou seja, quanto elas são salientes em relação ao suporte.

Barroco – (1600 – 1750) A arte barroca conseguiu casar a técnica avançada e o grande porte da Renascença com a emoção, a intensidade e dramaticidade, tornando-se o estilo mais suntuoso e ornamentado da história da Arte. Embora o termo “barroco” seja às vezes usado no sentido negativo de superelaboração e ostentação, o século XVII não só produziu gênios artísticos excepcionais, como Rembrandt e Velázquez, como também expandiu o papel da Arte para a vida cotidiana.



Lição de Anatomia, do Dr Tulp, Rembrandt, 1632

Bizantina, Arte – Em 330 d.C. Constantino transferiu o trono do Império Romano para Bizâncio (que mais tarde, passou a se chamar Constantinopla), mantendo-se lá até a queda para os turcos, em 1453. Enquanto Roma era devastada pelos bárbaros e declinava até se desfazer em ruínas, Bizâncio se tornou o centro do Império e produziu uma nova forma de expressão artística, com rica nas cores e nas técnicas utilizadas, que combinava a nascente arte cristã com a grega oriental.

C

Camarim – Recinto reservado, próximo ao palco, onde os atores se vestem e se maquilam para a cena.

Cenário – Conjunto dos diversos materiais utilizados para criar o ambiente e a atmosfera própria da representação. Compreende painéis, móveis, adereços, bastidores, efeitos luminosos, projeções, etc.

Catedrais góticas – O auge do desenvolvimento artístico da Idade Média foram as catedrais góticas, conhecidas como “Bíblas de pedra”. Em termos de ousadia tecnológica, as catedrais superaram até mesmo a arquitetura clássica. Entre 1200 e 1500, os construtores medievais ergueram estruturas elaboradíssimas, com interiores atingindo uma altura sem precedentes no mundo da arquitetura.



Catedral de Burgos, Espanha

Caricatura – Desenho com distorção proposital, obtido por exagero ou simplificação dos traços, destacando detalhes marcantes de determinado personagem. Uma caricatura explora o lado cômico ou grotesco de uma figura humana ou mesmo de um animal.

Carvão esfumado – Técnica de desenho em que o carvão, também chamado *fusain*, é espalhado sobre o papel e suavizado com o auxílio de um *esfuminho*, de um cotonete ou do próprio dedo.

Cena – Segmento do drama em que a ação se desenvolve no mesmo ambiente, na mesma época e com os mesmos ato-

res. É também a parte do palco limitada pelo cenário e destinada à representação.

Cenografia – Arte e técnica de criar, projetar e dirigir a execução de cenários para espetáculos de teatro, de cinema, de televisão, de shows etc. O termo aplica-se também ao conjunto dos elementos (cortinas, bastidores, mobiliário, etc.) Que representam o espaço imaginado para a ação do drama.

Cestaria – Compreende a técnica de fabricação de cestos ou vasilhas e se divide em dois tipos fundamentais: o tipo entrelaçado (que engloba os gêneros cruzado, encanado, enrolado e torcido, conforme a maneira de dispor as fibras) e o tipo espiral (com ou sem armação de sustentação). Praticada pelos indígenas brasileiros, também sofreu influência dos europeus e dos africanos.

Círculo cromático – Disposição visual que ajuda a entender como as cores se formam a partir das três cores primárias.

Colagem – É a composição feita a partir do uso de materiais de mesma textura ou de texturas diferentes, superpostas ou colocadas lado a lado, criando um motivo ou imagem.



Colagem, Majid Farahani

Comédia – Peça teatral que tem o propósito de provocar riso nos espectadores, tanto pelas situações cômicas quanto pela caracterização de tipos e de costumes, quanto pelo absurdo da história.

Composição – Refere-se à reunião harmoniosa de diferentes figuras num todo plasticamente planejado.

Coreografia – Conjunto de movimentos (passos) executados em uma determinada música e que se adéquam à mesma.

Contraste – Oposições do tipo claro/escuro, brilhante/opaco, áspero/liso, luz/sombra etc., que conferem elementos de diferenciação a uma superfície.

Cor – Fenômeno que envolve a percepção de figuras e objetos na presença da luz.

Coxia – Nos palcos de teatro, emprega-se para designar a passagem entre os bastidores, para a entrada em cena do ator, ou de onde os que não participam da cena podem observá-la sem serem vistos pelo público.

Cubismo – Um dos principais pontos de transformação da Arte do século XX, o Cubismo durou como forma pura de 1908 a 1914. O estilo recebeu esse nome a partir do desdém de Matisse ao ver uma paisagem de Georges Braque como nada além de “cubinhos”. Embora os quatro “verdadeiros” cubistas – Picasso, Braque, Gris e Léger – quebrassem os objetos em pedaços que não eram propriamente cubos, o nome pegou. Ao estabelecer, nas palavras do pintor cubista Fernand Léger, que “a arte consiste em inventar, e não em copiar”, o Cubismo liberou a Arte.



Guernica, Pablo Picasso

Cultura – Como fenômeno anterior e exterior ao indivíduo, a cultura é essencialmente um fenômeno coletivo, mas que só se realiza quando incorporada pelo indivíduo e tornada identidade. [...] Enquanto código, a cultura se mantém pela força das instituições, pelo compartilhamento cotidiano de valores e pelas tradições. (BARROS, 2006, p. 10).

D



A fonte, Marcel Duchamp

Dadaísmo e surrealismo – O Dadaísmo foi uma atitude que se expandiu de Zurique para a França, a Alemanha e os Estados Unidos. Sua principal estratégia era denunciar e escandalizar. Uma típica noite dadaísta contava com diversos poetas declamando versos *nonsense*¹ simultaneamente e em línguas diferentes enquanto outros latiam como cães. Os dadaístas tinham um objetivo mais sério do que causar escândalos: queriam acordar a imaginação. “Falamos Dadá como de uma cruzada para a reconquista da terra prometida da criatividade”, disse o pintor Jean Arp, um dos fundadores do movimento.

Dança de salão – Pode ser aplicado a todas as danças sociais de casais onde há um processo de condução para execução de movimentos.

Drama – História escrita com diálogo e indicações para ser representada.

Dramaturgia – Arte da composição das peças de teatro.

Dramaturgo – Autor de um texto dramático, que é a literatura destinada ao teatro.

Desenho – O desenho é um suporte artístico ligado à produção de obras bidimensionais diferindo, porém, da pintura e da gravura. Nesse sentido, o desenho é encarado tanto como processo quanto como resultado artístico. No primeiro caso, refere-se ao processo pelo qual uma superfície é marcada quando se aplica sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, uma caneta ou um pincel, de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas. Porém, o resultado desse processo (a imagem obtida) também pode ser chamado de desenho. Dessa forma, um desenho manifesta-se essencialmente como uma composição bidimensional formada por linhas, pontos e formas.



A representação do homem vitruviano, como imaginado por Leonardo Da Vinci, um dos desenhos mais conhecidos do mundo

¹ Sem sentido, sem nexos, disparatado.

Desenho abstrato – Representação de formas que fogem das figuras conhecidas no mundo real; arte não figurativa.

Design – Termo de origem inglesa equivalente a “desenho industrial”. Em sentido mais amplo, está relacionado à Arte aplicada. São várias as modalidades de *design*: de automóveis, de moda, de calçados, têxtil etc.

E



Máscara funerária de Tutankhamon, Metropolitan Museum of Art

Egípcia, Arte – Observa-se na Arte egípcia uma obsessão com a imortalidade. A preocupação era garantir uma vida confortável para os faraós, considerados deuses, após a morte. A colossal arquitetura e as obras de Arte tinham por objetivo cercar o espírito dos faraós de glória eterna.

Esboço – Rascunho, fase inicial de um projeto. Geralmente, é constituído por traços ou esquemas prévios. Uma maquete pode servir de esboço para posterior execução de algum produto.

Escultura – Trabalho artístico que consiste em moldar a matéria (pedra, metal, madeira ou outros materiais) para representar figuras ou formas.

Espetáculo – A encenação ou representação de uma peça no teatro para uma plateia.

Expressionismo – Na Alemanha, um grupo conhecido como “expressionista” achava que a Arte devia expressar os sentimentos do artista e não as imagens do mundo real. De 1905 a 1930, as formas distorcidas, exageradas e as cores destinadas a causar impacto emocional dominaram a Arte.

Expressionismo abstrato - Este movimento começou a tomar forma no fim dos anos 1940 e início dos 1950, em parte

como reação a Segunda Guerra Mundial, que devastou dois continentes e matou 16 milhões de pessoas. Liderados pelos artistas Arshile Gorky e Jackson Pollock, os expressionistas abstratos se libertaram da abstração geométrica e da necessidade de sugerir imagens reconhecíveis. Tendo como princípios o impulso e o acaso, o ato de pintar tornou-se um valor absoluto em si mesmo.

Expressionismo figurativo – Em reação à tendência dominante da abstração completa, alguns pintores do pós-guerra mantiveram viva a pintura figurativa mantendo, porém, o princípio modernista de que a Arte deve expressar uma verdade além da aparência e conservando a figura apenas para dobrá-la à sua vontade.



EXPRESSIONISMO
Retrato de Chain Soutine, Mondigliari



EXPRESSIONISMO ABSTRATO
Jackson Pollock, nº 8, 1949



EXPRESSIONISMO FIGURATIVO
Pintura Figurativa de Cézanne,
Autorretrato do pintor

Figurante – Pessoa que entra em cena para fazer um papel anônimo, como parte de grupos ou da multidão. Na hierarquia dos papéis o seu está abaixo do papel principal, do papel secundário e da ponta.

Figurino – Vestimenta utilizada pelos atores para caracterização de seus personagens de acordo com sua natureza, e identifica, geralmente, a época e o local da ação. Traje de cena.

Fotografia – Processo de registro de imagens e outros efeitos visuais por meio de câmeras e acessórios, informatizados ou não. O produto também se chama fotografia.

Fovismo – O fovismo durou de 1904 a 1908. A exposição de 1905, que inaugurou o Fovismo em Paris, foi um dos momentos cruciais na história, pois mudou a maneira de ver a Arte. Se antes o céu era azul e a grama era verde nas telas fovistas de Matisse, Vlaminck, Derain, Durfy, Braque e Rouault o céu era amarelo mostarda, as árvores, vermelho-tomate e os rostos verde-ervilha.



FOVISMO
Retrato de Henri Matisse, Derain

Fusain – Carvão especial para desenho, obtido a partir dos ramos de arbustos como videira, evônimo, etc.

Figura geométrica – De forma geral, uma figura geométrica é um conjunto de pontos. Se existir uma propriedade comum entre esses pontos, a figura geométrica tem nome definido. A linha reta, a circunferência e o quadrado são exemplos de figuras geométricas com propriedades definidas.

G

Grafismo – Registro ou representação, individual ou coletiva, do mundo real ou imaginário, com o emprego de escrita, desenho, pintura, rabisco etc.

Graffiti – Manifestação artística de caráter popular, de origem muito antiga, que utiliza basicamente paredões de rocha, paredes e muros como suporte para desenhos, pinturas, escritos e todo tipo de simbolismo gráfico. Não confundir com pichação, considerada intervenção gráfica não-artística.

Grega, Arte – Os artistas gregos tinham amplo conhecimento da pintura, atingindo o ápice em efeitos realistas de *trompe l'oeil*. Suas pinturas eram tão vívidas que os pássaros bicavam as frutas pintadas nos murais. Infelizmente, essas obras não chegaram até nós, mas podemos conhecer os detalhes realísticos da pintura grega pelas figuras que adornam os objetos domésticos de cerâmica. Quanto à escultura, os gregos introduziram o nu na Arte, esculpindo estátuas de proporções



GRAFITTI
Fachada decorada com grafite, Olinda, Pernambuco

2 Técnica artística que, com truques de perspectiva, cria uma ilusão óptica que mostra objetos ou formas que não existem realmente. Provém de uma expressão em língua francesa que significa engana o olho e é usada principalmente em pintura ou arquitetura. (Wikipédia)



GREGA, ARTE
Laocoonte e seus filhos, Museu do Vaticano

ideais que representavam a perfeição do corpo e da mente e que valorizavam, respectivamente, o desenho atlético e o debate intelectual. Os gregos buscavam uma síntese entre dois pólos do comportamento humano – paixão e razão – na representação artística da forma humana, frequentemente em movimento.

Guache – Um tipo de tinta preparada originalmente com pigmento diluído em água, com goma ou mel.

Gótico – Designa uma fase da história da Arte ocidental, identificável por características muito próprias de contexto social, político e religioso em conjugação com valores estéticos e filosóficos e que surge como resposta à austeridade do estilo românico.

H

História da Arte – Disciplina que estuda a evolução das expressões artísticas, a constituição e a variação das formas, dos estilos e dos conceitos transmitidos pelas obras de Arte. Ciência que estuda a origem e a evolução da Arte em geral.

I

Iluminação – Conjunto de lâmpadas e refletores que iluminam o palco, o auditório, ou que são usados para efeitos especiais no cenário.

Iluminura – Ilustração típica de manuscritos antigos, formada por pequenos desenhos nas margens e/ou letras especialmente decoradas com cores vivas e detalhes em ouro ou prata. As letras iniciais (capitulares) mereciam grande destaque e nas ornamentações prevaleciam elementos florais. As iluminuras surgiram por volta do século V, no Oriente e na Europa, e eram realizadas principalmente por monges. Com o surgimento dos livros impressos, seu uso foi se perdendo.

Ilustração – Desenho, pintura, esquema ou qualquer tipo de ornamento usado para complementar, elucidar ou simplesmente embelezar um conto, uma reportagem, uma entrevista etc, publicados em livros, revistas e jornais.

Imagem – Reprodução plástica, gráfica ou fotográfica de objetos ou pessoas. Pinturas, desenhos e fotografias contêm imagens e o mesmo se aplica às representações em telas de computadores, projeções de películas cinematográficas, e transparências comuns, recepções televisivas, etc.

Impressionismo – Marcando a primeira revolução artística desde a Renascença, esse estilo nasceu na França no início dos anos 1860 e só durou na sua forma mais pura até 1886. Apesar disso, determinou o curso da maior parte da Arte que se seguiu,

pois rompeu radicalmente com a tradição, rejeitando a perspectiva, a composição equilibrada, as figuras idealizadas e o claro-escuro da Renascença. Em vez disso, os impressionistas representavam sensações visuais imediatas através da cor e da luz.

J

Jogo expressivo – Atividade ludo-pedagógica voltada para a valorização da expressividade humana. A formação de “estátuas”, empregando o próprio corpo, é um exemplo de jogo expressivo.

K

Kirigami – Palavra de origem japonesa que significa “Arte de cortar papel”.

L

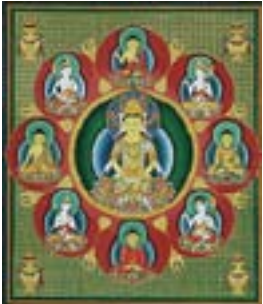
Leiaute – Termo originário da palavra inglesa *layout*, significa esboço, porém com um acabamento um pouco melhor. Trata-se de um pré-produto, a partir do qual um cliente pode aprovar ou não a solicitação gráfica feita ao profissional.

Luz e sombra – Contraste existente em um desenho ou pintura, em que a parte iluminada se destaca em confronto com a sombra provocada pelos elementos presentes na obra.

M

Mandala – Em termos de artes plásticas, a mandala apresenta sempre grande profusão de cores e representa um objeto ou figura que ajuda na concentração para se atingir outros níveis de contemplação.

Mesopotâmica, Arte – Desenvolveu-se ao longo de séculos, não tendo muita coesão em suas manifestações. Foi desenvolvida pelos assírios, sumérios e babilônios, povos que viviam nas margens dos rios Tigre e Eufrates. Na arquitetura, que era bem desenvolvida, buscavam



Mandala Indiana

o luxo e a ostentação. Usavam argila, ladrilhos e tijolos esmaltados. Na pintura os artistas se utilizavam de cores claras e reproduziam caçadas, batalhas e cenas da vida dos reis e dos deuses. Produziam ainda, objetos com argila, ouro, cobre, prata e incrustação de pedras com estilos bem variados.



Porta de Ishtar reconstruída em museu alemão

Moderna, Arte - O termo Arte moderna engloba as vanguardas européias do início do século XX - cubismo, construtivismo, surrealismo, dadaísmo, suprematismo, neoplasticismo, futurismo etc. - do mesmo modo que acompanha o deslocamento do eixo da produção artística de Paris para Nova York, após a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), com o expressionismo abstrato de Arshile Gorky (1904 - 1948) e Jackson Pollock (1912 - 1956). Na Europa da década de 1950, as reverberações dessa produção norte-americana se fazem notar nas diversas experiências da tachismo. As produções artísticas das décadas de 1960 e 1970, segundo grande parcela da crítica, obrigam a fixação de novos parâmetros analíticos, distantes do vocabulário e pauta modernistas, o que talvez indique um limite entre o moderno e o contemporâneo. No Brasil, a Arte moderna - modernista - tem como marco simbólico a produção realizada na Semana de Arte Moderna de 1922.

Móbile – Estrutura móvel formada por objetos pendentes, suspensos, de maneira equilibrada por varetas e fios, e que mudam de posição quando impelidos pelo ar ou por toques manuais.

Modelo – É um referencial para estudo e criação de um objeto, uma pintura, uma construção, uma roupa, etc.

Mosaíco – Composição geralmente formando figuras, feita com pedaços de cerâmica, pedra, papel, tecido etc. fixados sobre uma base adequada.

Mural – Obra de Arte de grandes dimensões, realizada sobre parede, muro ou mesmo tela. Pode ser uma pintura, uma escultura em baixo relevo, uma colagem etc. Portinari é um dos pintores muralistas brasileiros de maior prestígio.

N

Naif – Denominação atribuída a um estilo de pintura ingênuo ou simplista que se caracteriza pela ausência das técnicas convencionais e por uma visão infantil do tema.

Nanquim – Antiga tinta de origem chinesa empregada no desenho a bico de pena, com pincéis ou canetas técnicas. Pode ser encontrada em bastonetes para diluição em água ou já acondicionada na forma líquida em embalagens apropriadas.

Neoclassicismo – Mais ou menos a partir de 1780 surge à Arte neoclássica que, nas palavras de Edgar Allan Poe, refletiu “a glória que foi a Grécia, e a grandeza que foi Roma”, prevalecendo até aproximadamente 1820. Esse reviver do Classicismo na pintura, na escultura, na arquitetura e no mobiliário constituiu uma reação contra o estilo Rococó. A Arte neoclássica trabalhava com os princípios da moderação, do equilíbrio e do idealismo.

Neo-concretismo – Foi um movimento das artes plásticas genuinamente brasileiro, que começa em 1957, no Rio de Janeiro. em que alguns artistas aliam sensualidade ao concretismo. Um expoente do movimento foi o artista plástico Hélio Oiticica.

Nouveau Art – Floresceu entre 1890 e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e foi um estilo que se opunha à esterilidade da Era Industrial. Baseava-se em formas torcidas, floridas, que se contrapunham à aparência pouco estética dos produtos fabricados por máquinas.



NEOCLASSISMO O Jramento dos Horácios, Jacques-Louis David, 1784



NAIF,
Paisagem , Anônimo pernambucano



NOUVEAU ART Rótulo, típico da Arte Nouveau

O

Ópera – Drama lírico, inteiramente cantado, encenado como peça de teatro.

Origami – Palavra de origem japonesa que significa “arte de dobrar papel”. O origami teve origem na China, onde foi inventado o papel. Acredita-se que, inicialmente, envolvia oferendas aos espíritos. Por volta do século XI, essa Arte foi levada para o Japão por monges budistas e passou a fazer parte da cultura japonesa.

P

Passo – Movimento de dança executado ao som de uma música.

Palco – Estrutura sobre a qual são desenvolvidas as representações teatrais em uma casa de espetáculos. Eleva-se cerca de 80 cm a 1 metro acima do piso do auditório ou platéia.

Pano de fundo – Também chamado *rotunda*. É a tela que fecha ao fundo o espaço cenográfico

Pantomima – Peça de teatro ou drama em que a história é contada por meio de ação e expressão corporal, sem uso de palavras.

Papel – Folha obtida de fibras vegetais depois de passar por processos de transformação em pasta, com o acréscimo de cola apropriada, conservantes ou branqueadores. As variações apresentadas pelos diversos tipos de papel na cor e na gramatura dependem das substâncias acrescidas à massa fibrosa e também das esteiras que dão forma final à folha desejada.

Papel reciclado – Papel obtido pelo reaproveitamento de outros já usados ou sobras industriais, como aparas de livros, jornais ou revistas.

Papel nas artes cênicas – As ações e as palavras de um personagem em um drama.

Patrimônio cultural – Conjunto de bens de determinada sociedade ou civilização; herança de um povo. Por sua importância, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) instituiu, em todo o mundo, um programa de valorização e preservação dos principais patrimônios culturais da humanidade. Uma comissão especializada estuda e oficializa, regularmente, a inclusão de novos locais na lista dos beneficiados.

Performance – Interpretação que o ator dá do seu personagem.

Personagem – O indivíduo imaginário que tem um papel na história criada pelo dramaturgo, e que o Ator representa na execução do drama..

Perspectiva – Efeito óptico provocado na imagem de um objeto ao ser observado de perto e de longe. Quanto mais perto do observador, menor é a imagem do objeto observado (e vice-versa).

Pigmento – Pó mineral, vegetal, animal ou sintético, de cor variada, utilizado como base para a confecção de tintas em forma líquida, pastosa ou sólida.

Pintura – Refere-se, genericamente, à técnica de aplicar pigmento em forma líquida a uma superfície, a fim de colori-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas. Em um sentido mais específico, é a Arte de pintar uma superfície, tais como papel, tela, ou uma parede (pintura mural ou de afrescos).

Pós-impressionismo – O Pós-Impressionismo, assim como o Impressionismo, foi um fenômeno francês, representado pelos artistas Seurat, Gauguin, Cézanne, Toulouse-Lautrec e pelo holandês Van Gogh, que criou a maior parte de sua obra na França. Eles desenvolveram suas carreiras em 1880-1905, e em vez do “molho marrom” da pintura histórica, feita em ateliês fracamente iluminados, suas telas brilhavam com manchas de cores vivas como o arco-íris. No entanto, os pós-impressionistas sentiam-se insatisfeitos em relação ao Impressionismo; queriam que a Arte fosse mais substancial, não inteiramente dedicada a captar um momento passageiro. Isso frequentemente transparecia nas suas pinturas, que pareciam descuidadas e sem planejamento.



PINTURA
Rembrandt, Autorretrato de 1661



PÓS IMPRESSIONISMO
Quarto em Arles, Vincent van Gogh, 1888

Pré-colombiana, Arte – “Pré-colombiano” se refere ao período anterior à chegada de Colombo ao Novo Mundo. Flechas de 10.000 a.C. cerâmicas de 2000 de a.C. são provas de quão antiga é a cultura da América Pré-colombiana. A Arte tinha importância vital para a sociedade tribal, que atribuía poderes mágicos a objetos como máscaras e cachimbos, usados nos rituais religiosos.



PRÉ COLOMBIANA, Tubo ornamental em metal

Q

Quadrado – Uma das formas geométricas básicas na criação artística. Como o círculo e o triângulo, o quadrado constitui, desde os primeiros momentos da civilização, uma das matrizes da expressividade humana. Simbolicamente, o quadrado foi associado à mãe terra; o círculo, ao pai-céu; o triângulo, ao filho-homem.

R

Realismo – Surgiu no século XIX. Os artistas buscavam retratar fatos do mundo moderno à medida que os experimentavam pessoalmente. Somente o que podiam ver ou tocar era considerado real. Camponeses e a classe trabalhadora urbana estavam presentes em tudo, da cor ao tema. O Realismo trazia para a Arte uma sensação de sobriedade, numa reação ao romantismo.

Renascimento – No início dos anos 1400, a Renascença tem início em Florença e se estende à Roma e Veneza. Em 1500,

chega ao resto da Europa, atingindo os Países Baixos, a Alemanha, a França, a Espanha e a Inglaterra, num movimento que ficou conhecido com a Renascença do Norte. Os elementos da Arte renascentista foram a redescoberta da Arte e da literatura grega e romana, o estudo científico do corpo humano e do mundo natural e a intenção de reproduzir com realismo as formas da natureza.



REALISMO, Autorretrato, August Courbert



RENASCIMENTO, Mona Lisa,Leonardo da Vinci.

Representação – No teatro, é a ação de simular outra pessoa quanto às suas ações e a todos os aspectos de sua personalidade, no modo como ela é descrita como um personagem do drama.

Relevo – Todo tipo de criação artística que apresenta formas que se sobressaem de uma superfície tomada como base. Colagens com objetos, sementes ou pedrinhas são exemplos de relevo. Entalhes em madeira ou metal também podem produzir relevos.



ROCOCÓ, Comediantes Italianos, Antoine Watteau, 1720

Romantismo – O romantismo surgiu no final do século XVIII e se consagrou no início do século XIX. O nome nasceu do interesse nas lendas medievais chamadas romanas, numa época em que estavam na moda histórias de horror “góticas”, que combinavam elementos do macabro com o oculto. Foi nesse período que Mary Shelley escreveu *Frankenstein*. As características centrais do romantismo foram o lirismo, o subjetivismo, o sonho, o exagero, a busca pelo exótico e pelo inóspito.



ROMANTISMO, A Morte de Sardanapalo, Eugène Delacroix, 1827

Rosácea – Configuração resultante do traçado de circunferências à semelhança de uma rosa, que lembra uma flor, com destaque para suas pétalas.

S

Semana da Arte Moderna – A Semana de Arte Moderna ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Esta nova forma de expressão não foi compreendida pela elite paulista, que era influenciada pelas formas estéticas européias mais conservadoras. O idealizador deste evento artístico e cultural foi o pintor Di Cavalcanti.

Simbolismo – Precursor do Surrealismo, o simbolismo foi um movimento artístico e literário que floresceu na última década do século XIX. Poetas como Mallarmé e Rimbaud e pintores como Odilon Redon e Gustave Moreau estavam preocupados com o mundo interno, com a fantasia e descartavam o mundo visível, as aparências.

Simetria – Configuração que preserva uma lei de equidistância entre dois de seus pontos. Há dois casos: *simetria axial*, quando dois pontos são equidistantes de uma mesma reta e *simetria central*, quando dois pontos são equidistantes de um mesmo centro.

Suporte – Base para os trabalhos artísticos: papel, tela, tecido, parede, etc.

T

Teatro – O teatro, como o conhecemos, surge na Grécia, com o “ditirambo”, um tipo de procissão informal que servia para homenagear o Deus Dioniso (Deus do Vinho). Mais tarde, o “ditirambo” evoluiu e passou a possuir um coro formado por coreutas³ e pelo corifeu⁴, que cantavam e dançavam, além de contar histórias e mitos relacionados a Deus. A grande inovação se deu quando foi introduzido o diálogo entre coreutas e o corifeu, o que cria a ação na história e possibilita o surgimento dos primeiros textos teatrais. No início, o teatro era feito nas ruas, mas sua evolução passou a demandar lugares específicos. Surgiram, então os primeiros teatros.

Teatro de fantoches – Utiliza bonecos vestidos como personagens, em cuja roupa o operador esconde a mão, e com ela, usando o dedo indicador, movimenta a cabeça, e com o polegar e o médio, os braços.

3 Membros do coro

4 Principal figura do coro

Técnica – Habilidade no uso e emprego de materiais. Uma boa técnica é fruto da experiência e do aprimoramento na realização de todo tipo de trabalho, artístico ou não.

Textura – Brilho, polimento, aspereza, rugosidade, trama, etc. que marcam e caracterizam uma superfície.

Tragédia – Gênero teatral em que o drama representa a luta de um ser humano contra obstáculos insuperáveis, em um confronto necessariamente destinado à derrota do herói por forças opostas e maiores que sua vontade e sua coragem.

Triângulo – No plano, triângulo (também aceito como *trilátero*) é a figura geométrica que ocupa o espaço interno limitado por três linhas retas que concorrem, duas a duas, em três pontos diferentes, formando três lados e três ângulos internos que somam 180°.

Tridimensional – Termo que se refere a três dimensões (3D) de nosso mundo real: altura, comprimento e largura.

U

Urucum – Fruto do qual se extrai uma tinta vermelho-alaranjada muito usada pelos índios brasileiros.

V

Verniz – Tipo de tinta incolor obtida de resina dissolvida em álcool, terebintina e outros solventes. Muito usada para recobrir pintura, proporciona acabamento com maior realce das cores e melhor proteção ao longo do tempo. Há também vernizes coloridos com anilinas, usados para decoração de móveis. A laca inventada pelos chineses é um exemplo.

7 REFERÊNCIAS

BARRETO, Débora. *Dança, ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BARROS, José Márcio. *Diversidade Cultural: da proteção à promoção*. São Paulo: Autêntica, 2008.

BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da.(Orgs.). *Modos de brincar*: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A cor da Cultura, v. 5).

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Pequena história das artes no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Átomo, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Professor da Pré-escola*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1991. (volume 1).

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Arte. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Resolução 5 de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da, *Como vai a Arte na Educação Infantil?* Dez. 2009. Disponível em: www.educared.org.ar/infanciaenred/elgloborajo/globo.../Arte.pdf - Acesso em: 10 dez. 2009.

DIAS, Lu. *A arte deve representar apenas o belo?* Disponível em: <http://www.almacarioca.net/a-arte-deve-representar-apenas-o-belo-ludiasbh/>. Acesso em 10 out. 2011.

ECO, Humberto. *A História da Beleza*. Trad. Eliana de Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FUSARI, Maria Fernandes de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.

GURGEL, Thais. Rabiscos e idéias. *Nova Escola*. Rio de Janeiro, Edição 228, p. 73, dez. 2009.

GOMBRICH, Ernst. *A História da arte*. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HOLM, Anna Marie. *Fazer e Pensar Arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

KNOENER, Sandra Heinz. *O ensino das artes na escola*: a ótica dos professores de educação infantil. Joaçaba: Universidade Oeste de Santa Catarina, 2006, 74f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado em Educação, Universidade Oeste de Santa Catarina, Campus de Joaçaba, 2006.

LATERZA, Moacyr. *Roteiro Estético das Minas Enganosas*. Belo Horizonte: Memória, 2002.

LATERZA, Moacyr; BERNARDES, Sueli Teresinha de Abreu. A Experiência Artística na Professoralidade. UFG. Uniube. Disponível em: www.Anped.org.br/reunioes/28/textos/gt8/gt08588int.rtf-11;033. Acesso em: 15 jul. 2010.

LOPES, Karina Rezek; MENDES, Roseane Pereira; FARIA, Vitória Libia Barreto (Orgs.). *Livro de Estudos*: Módulo IV. Brasília: MEC Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006a. (Coleção Proinfantil, v. 2, mod. 4, un. 5).

LOPES, Karina Rezek; MENDES, Roseane Pereira; FARIA, Vitória Libia Barreto (Org.). Livro de estudos: módulo II. Brasília: MEC Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006b. (Coleção Proinfantil, v. 2, mod. 2, un. 3).

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do Ensino de Arte*: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

ROHDEN, Humberto. *Filosofia da arte*: a metafísica da verdade revelada na estética da beleza. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SOUZA, Luiz Fernando de. *Um palco para o conto de fadas: uma experiência teatral com crianças na educação infantil*. 29ª. Reunião Anual da Anped, Caxambu, MG, 2006. Disponível em www.apend.org.br. Acesso em: 20 jul, 2009.

STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. *Arte Comentada da Pré-História ao Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VILLAR, Ludmila. Por que o mundo dança? . *Marie Claire*. Rio de Janeiro: Globo. n. 232,p. 21-27, julho, 2010.

VELLO, Valdemar; COLUCCI, Mônica; ARIANE, Paula. *Artes*: pranchas de linguagem visual - Minigaleria e glossário. São Paulo: Scipione, 2001.

SITES CONSULTADOS

[www.edubr.com.br/artemanhas/dança_pre.asp](http://www.edubr.com.br/artemanhas/danca_pre.asp). Acessado em:18/05/10.

http://pt.wikipedia.org/wiki/arte_rupestre. Acessado em: 09/07/10.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_do_tempo. Acessado em 20/11/11.

<http://proavirtualg19.pbworks.com/Arte-Contempo.r>. Acessado em: 09/07/10.

<http://dasArtesplasticas.blogspot.com/2008/03/adriana-varejo-rio-de-janeiro-brasil.html>. Acessado em: 09/07/10.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a_contempor%C3%A2nea. Acessado em: 20/05/10.

<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/194383>. Acessado em: 09/07/10.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=355. Acessado em 20/11/11.

<http://www.suapesquisa.com/Artesliteratura/semana22/>. Acessado em 20/11/11.



Secretaria Municipal de
Educação e Cultura



Uma cidade cada dia melhor.